

Notas sobre o ecotomismo – III/III

Paulo S. Terra - Universidade Estadual de Santa Cruz.

Abstract: The creation theology and the theory of the cardinal virtues of Thomas Aquinas can provide a solid foundation for an environmental philosophy (ecothomism). The earliest Thomistic texts on environmentalism were written in 1994-5. There are different versions of environmental thomism. The aim of the articles is to describe the foundation and main assumptions of Thomistic environmental theories. Ecothomist authors studied in this text (III/III): Willis Jenkins (2001, 2008), Francisco J. Benzoni (2005), Jame Schaefer (2009), Christopher Thompson (2012), Mariusz Cizek (2014) and William M. Green (2016).

Keywords: Thomas Aquinas, ecothomism, environmental philosophy, environmental ethics, environmentalism, contemporary ecological crisis.

Resumo: A teologia da criação e a teoria das virtudes cardinais de Tomás de Aquino podem fornecer base sólida para uma filosofia ambiental (ecotomismo). Os primeiros textos tomistas sobre ambientalismo foram escritos em 1994-5. Existem diferentes versões do tomismo ambiental. O objetivo dos artigos é descrever o embasamento e os principais pressupostos das teorias ambientais tomistas. Autores ecotomistas estudados neste texto (III/III): Willis Jenkins (2001, 2008), Francisco J. Benzoni (2005), Jame Schaefer (2009), Christopher Thompson (2012), Mariusz Cizek (2014) e William M. Green (2016).

Palavras-chave: Tomás de Aquino, ecotomismo, filosofia ambiental, ética ambiental, ambientalismo, crise ecológica contemporânea.

Willis Jenkins: O ecotomismo de tríplice centro.

Willis Jackson Jenkins apresentou em 2001 a comunicação intitulada “Biodiversidade e Salvação: Notas para o ecotomismo”¹, na conferência denominada “Ecologia e Teologia: Ética ambientalista judaico-cristã”², realizada na Universidade de Notre Dame (EUA: South Bend, Indiana). O texto apresentado foi publicado posteriormente com o título “Biodiversidade e Salvação: Raízes tomistas para a ética ambiental”³.

No resumo da comunicação original, lê-se o seguinte:

¹ “Biodiversity and Salvation: Notes for an Eco-Thomism” – a versão original da comunicação está em https://web.archive.org/web/20020909154641/http://www.nd.edu/~ecoltheo/text_Jenkins.htm.

² *Ecology and Theology: Judeo-Christian Environmental Ethics*.

³ Biodiversity and Salvation: Thomistic Roots for Environmental Ethics, *Journal of Religion*, 83.3: 401 – 420. 2003.-

“O sistema antropocêntrico e hierárquico de Tomás de Aquino pode ser surpreendentemente útil para as os problemas ambientais [environmentalist difficulties] ao fundamentar o valor intrínseco e descrever adequadamente as raízes dos problemas ecológicos. Para Tomás, os seres humanos vivem para conhecer Deus, e conhecemos Deus a partir do mundo que Deus criou. Para ver Deus, portanto, não só devemos conhecer sua criação, como devemos vê-la como Deus a vê. Para que os seres humanos se tornem verdadeiramente humanos, devem então aceitar [receive] as criaturas (todas elas) como dons divinos - tanto para elas mesmas, como para os seres humanos. (A extinção e a mercantilização [commodification] são, então, para nós, modos de deicídio [modes of deicide]). A própria vocação da humanidade para a oração, o louvor e o conhecimento precisa, então, da preservação de muitos tipos de criaturas e exige um olhar atento e amoroso para elas. Portanto, o antropocentrismo garante a preservação da biodiversidade e uma natureza divinamente valorizada [divinely-valued]. Isso implica ainda que é do nosso próprio interesse soteriológico que o tipo de dominação que devemos ter sobre a criação terrena seja aquela que produz sua perfeição. O modelo da administração tomista é, então, Cristo, *Dominus*, que domina [lords] a humanidade como servo em meio dela, a fim de preservar os seres humanos e levá-los a sua própria perfeição, o que ele faz como próprio do ato de Filiação [as the proper act of Sonship]. Para Tomás, os distúrbios ecológicos que enfrentamos não são, então, o resultado de excessiva ação humana, mas, de fato, são as consequências pecaminosas de uma ação insuficiente não verdadeiramente humana [of not enough truly human action].”⁴

Assim conclui Jenkins o texto de sua comunicação:

“Há a possibilidade de ouvir de Tomás [de Aquino], lido na angústia [in the anguish] da crise ecológica, um apelo claro para um ambientalismo distintamente cristão, que evita o determinismo do ambientalismo antropocêntrico, do ecocêntrico ou mesmo o do teocêntrico, e que harmoniza esses vários centrismos. É de nosso próprio interesse poder aperfeiçoar nossa natureza (antropocentrismo) buscando o conhecimento de Deus através da adoração (teocentrismo), que podemos fazer melhor ao entender as diferentes perfeições do cosmos e nosso lugar particular entre elas (ecocentrismo). Assim, para Tomás, parte do caminho que Deus usa para a perfeição dos seres humanos consiste em convidá-los

⁴ Jenkins, *Eco-Thomism*, abstract.

para a sabedoria, a beleza e a bondade, tornadas disponíveis na Terra através da participação ativa no amor de Deus pela criação.”⁵

Benzoni: Crítica da ética ambiental tomista

A leitura do supramencionado artigo de Willis Jenkins provou a reação de Francisco J. Benzoni que, em 2005, publicou o artigo “Tomás de Aquino e a ética ambiental: Reconsideração sobre a Providência e a Salvação”⁶.

Lê-se no início do artigo de Benzoni o seguinte:

“O objetivo deste artigo é esclarecer os parâmetros básicos em que qualquer ética ambiental deve conformar-se para sustentar seus princípios filosóficos e teológicos no pensamento de Tomás de Aquino. Argumento que qualquer ética ambiental tomista deve ser consistentemente antropocêntrica, o que significa que criaturas não-humanas são, quanto à finalidade, instrumentos para o bem humano. Qualquer dever para com essas criaturas (ou restrições sobre nossas atividades) deve encontrar sua base moral no bem humano. O objetivo deste artigo não é elaborar uma ética ambiental tomista ou oferecer um argumento sobre a sua adequação. Em vez disso, como observado, é o de delinear os parâmetros dentro dos quais tal ética deve ser desenvolvida. Ainda assim, meu projeto maior é crítico com a compreensão de Tomás e encerro com alguns comentários breves sobre algumas reformulações fundamentais necessárias para sustentar uma versão promissora na própria posição de Tomás.”⁷

Benzoni acha muito difícil alicerçar nas ideias de Tomás uma ética ambientalista, pois argumenta que o que está em SCG II, 112⁸ não permite que se vejam as criaturas não racionais a não ser como instrumentos⁹.

Benzoni resume no final do artigo as suas conclusões relativas aos motivos da enorme dificuldade, ou mesmo da impossibilidade, de alicerçar nas ideias de Tomás uma ética ambiental:

“Para resumir, é a articulação de Tomás sobre a descontinuidade entre Deus e o mundo e entre os seres humanos e as criaturas não-racionais que enfraquece finalmente a tentativa de Jenkins de construir uma ética ecológica robusta em termos tomistas. Reformular esta estrutura maior para torná-la consistente com a

⁵ Jenkins, *Thomistic Roots*, p. 420.

⁶ Benzoni, Francisco J. Thomas Aquinas and Environmental Ethics: A Reconsideration of Providence and Salvation, *Journal of Religion* 85: 446–76. 2005. [DOI: 10.1086/429574].

⁷ Benzoni, *Reconsideration*, p. 446.

⁸ SCG III, 112 – *As criaturas racionais são ordenadas em vista delas mesmas, mas as demais criaturas, em vista das racionais*. Benzoni também se apoia no que está em *De potencia* 5 (Benzoni, *Reconsideration*, p. 470-1).

⁹ Benzoni, *Reconsideration*, p. 453 – 454.

afirmação de que os seres humanos devem buscar o bem de todas as criaturas e que os seres humanos e outras criaturas compartilham o mesmo *telos* é uma rota promissora para quem procura desenvolver uma ética ecológica robusta. E entender Deus como verdadeiramente afetado pela atividade mundana pode ser entendido como complementar a esta concepção dos seres humanos como contínua com o resto da criação. Se todas as criaturas contribuem para o bem divino, todas as criaturas compartilham o mesmo *telos*, que consiste em dar uma contribuição real à riqueza da experiência divina. Com uma compreensão da relação entre Deus e o mundo como essa, a relação entre humanos e não-humanos pode ser verdadeiramente entendida em termos não-instrumentais. As criaturas não-humanas teriam valor não-instrumental, ou valor intrínseco, pelo mesmo motivo que os seres humanos o têm - são sujeitos criativos que dão uma contribuição eterna (cada um conforme sua própria capacidade) ao Bem Universal. Pode-se então dar sentido à injunção universal de que os seres humanos devem ‘mover os outros para o bem’ porque, assim, contribuímos para o *telos* do universo e para a experiência de Deus. À luz da nossa experiência atual em que a atividade humana ameaça o bem-estar de tantas espécies e ecossistemas, vale a pena considerar seriamente essa profunda reformulação das concepções tradicionais de Deus, dos seres humanos e do resto da criação.”¹⁰

Assim, Benzoni discorda de Jenkins quanto a como fundamentar uma ética ambiental em Tomás, e considera que Jenkins extrapolou os elementos colocados pelo Aquinate. Na busca de uma ética ambiental, Benzoni afastar-se-á da linha de pensamento tomista pelas razões expostas, e acabará encontrando na filosofia de Alfred North Whitehead os elementos que considera essenciais para tal empreendimento.¹¹

Jenkins: Tomás de Aquino e o problema da ecojustiça

¹⁰ Benzoni, *Reconsideration*, p. 475 - 476.

¹¹ Benzoni, Francisco J. *Ecological Ethics and the Human Soul: Aquinas, Whitehead, and the Metaphysics of Value*, University of Notre Dame Press, 2007. Sobre este livro há uma muito interessante resenha crítica de autoria de Christopher M. Brown, publicada em *Notre Dame Philosophical Reviews*, que busca refutar a análise que Benzoni fez sobre a filosofia de Tomás de Aquino: <https://ndpr.nd.edu/news/ecological-ethics-and-the-human-soul-aquinas-whitehead-and-the-metaphysics-of-value/>. Robert L. Grant examinou o pensamento de Whitehead (Grant, *A case study*, p. 91 – 95). Alfred North Whitehead não é mencionado na *Encyclopedia of Environmental Ethics and Philosophy* de J. Baird Callicott & Robert Frodeman.

Willis Jenkins volta a tratar da ética ambiental tomista no seu livro, publicado em 2008, "Ecologias da Graça: Ética ambiental e teologia cristã"¹²,

Dois capítulos do livro são especialmente dedicados à ética ambiental tomista¹³. Nesses textos, Jenkins esclarece as ideias anteriormente apresentadas sobre a sua visão da filosofia ambiental tomista, sobretudo no tocante ao modo de tornar viável uma ética ambiental alicerçada nas ideias do Aquinate. Agora, Jenkins parece encontrar na ideia de justiça ambiental¹⁴ o elemento de viabilização da ética ambiental tomista. Diz Jenkins sobre isso:

“Sugiro que as virtudes [isto é, a teoria das virtudes] de Tomás orientem os seres humanos na discriminação dos bens da criação em meio aos males naturais. Embora não se desenvolva [no livro] uma teologia de ecojustiça tomista completa, os dois capítulos [que trataram do assunto] demonstram que Tomás oferece recursos teológicos para satisfazer o objetivo estratégico da ecojustiça, [que é o de] adequar o comportamento humano à integridade da criação. Além disso, ele faz isso dentro de seu sistema cuidadoso de natureza e graça, mostrando assim como se chega à integridade de um *oikos* criado em conformidade com a economia divina e como os seres humanos voltam ao lar terrestre em amizade com Deus.”¹⁵

Já na conclusão de suas considerações sobre as ideias ambientalistas de Tomás, diz Jenkins:

“Tomás define o governo certo como ‘a conservação das coisas no bem, e a moção delas para o bem’¹⁶. As virtudes administrativas de

¹² *Ecologies of Grace. Environmental Ethics and Christian Theology*. New York: Oxford University Press. 2008.

¹³ Jenkins, *Ecologies of Grace*, [Chap.] 6 - Sanctifying Biodiversity - *Ecojustice in Thomas Aquinas* (p. 115 - 132); [Chap.] 7 - Environmental Virtues - *Charity, Nature, and Divine Friendship in Thomas* (p. 133 - 151).

¹⁴ Explica Robert Melchior Figueroa (ENVIRONMENTAL JUSTICE, in *Callicott & Frodeman, Encyclopedia EEPb.*, Vol 1: 341b) que as teorias sobre a justiça ambiental buscam combinar ideias de justiça social e de ambientalismo a partir da visão de que “o ambiente não é um fenômeno puramente natural mas um conjunto de relações condicionadas social e politicamente; assim, os textos sobre esses assunto geralmente examinam os elementos sociais, culturais e políticos em que um povo vive, trabalha e age.” As principais questões que colocam os investigadores da justiça ambiental são, segundo Figueroa (*op. cit.*, p. 342a): “Como distribuir pelas populações os benefícios e os malefícios ambientais? De que modo os cidadãos podem ser compensados quanto aos malefícios ambientais? Quais são os critérios morais, sociais e físicos aceitáveis para a distribuição dos malefícios ambientais?” Deve ficar claro que Jenkins leva em consideração, nas suas conjeturas sobre a ecojustiça sobre a óptica tomista, tanto os seres humanos quanto as criaturas não-humanas, pois o que a ele interessa é o problema da integridade de toda a criação, pois, como se verá adiante, o autor define que a finalidade do que ele denomina de ecojustiça é buscar a adequação do comportamento humano à integridade da criação.

¹⁵ Jenkins, *Ecologies of Grace*, p. 116.

¹⁶ *STh* I, q103, a4, sol.

governar [The stewardly virtues of governing] parte do mundo natural, portanto, promovem ativamente e com cuidado a própria integridade da criação. ‘O governo de todo providente ordena-se para a aquisição, para o aumento ou para a conservação da perfeição das coisas.’¹⁷. Embora as interpretações tomistas de domínio político tenham certamente sido implantadas para justificar práticas de exploração, o domínio de gestão [stewardly dominion] de Tomás deve de fato operar com respeito atento aos bens da criação e à ordem ecológica. Gestão [Stewardship] não é uma regência indiferente sobre um conjunto [pool] de recursos homogêneos. Como o recurso repetido de Tomás à cena da nomeação no Jardim mostra, a ecologia da caridade modula o domínio por um pedido de santificação inclusivo: as criaturas servem a humanidade no caminho humano para Deus, o que inclui intrinsecamente amar as outras criaturas e promover sua integridade. Qualquer governo humano sobre a criação, portanto, serve ao fim de amizade com Deus ao servir aos próprios fins da criação ao preservar as criaturas na bondade.¹⁸ / Em outras palavras, o relato de Tomás sobre a graça rejeita qualquer rivalidade última entre a humanidade e a criação, entre o antropocentrismo e o ecocentrismo. Sua síntese identifica dois princípios governantes na criação, um intensamente humano [intensively human] e um extensivamente holístico [extensively holistic], que correspondem à dupla perfeição da criação, na humanidade (intensivamente) e no universo como um todo (extensivamente).¹⁹

Schaefer: O cooperador virtuosos da criação.

Também Jame Schaefer, tal como Willis Jenkins, após examinar a ética ambientalista sob a óptica tomista, buscou expor o problema sob óptica cristã mais ampla, tal como se vê no livro que publicou em 2009, “Fundamentos teológicos para a ética ambiental: Reconstrução dos conceitos patrísticos e medievais”²⁰

¹⁷ SCG III, 73, 1; 2488.

¹⁸ Reside neste ponto, ressalta Jenkins, a discordância entre as suas ideias e as de Francisco Benzoni expostas no artigo já comentado *Thomas Aquinas and Environmental Ethics: A Reconsideration of Providence and Salvation* (2005). Diz Jenkins neste ponto do texto, em nota de rodapé (84): “Francisco Benzoni discorda de mim especialmente aqui, no que concerne aos bens não-humanos.”

¹⁹ Jenkins, *Ecologies of Grace*, p. 148 - 149.

²⁰ *Theological Foundations-for-Environmental-Ethics. Reconstructing-Patristic-and-Medieval-Concepts*. Washington, D.C.: Georgetown University Press. 2009.

Parece importante a Schaefer, para efeito das teorias ecotomistas, a ideia de *cooperador virtuoso*²¹, que a autora deriva de Tomás de Aquino. Sobre isso, diz Schaefer:

“O cooperador virtuoso [virtuous cooperator] é um modelo de ser humano que se destaca das reflexões de Tomás de Aquino durante o período medieval. O exame da substância deste modelo com alguma profundidade é garantido antes de testar a sua promessa de apropriação durante a nossa idade de degradação ecológica. A noção multifacetada de Tomás de Aquino de cooperação é explorada nesta seção e integrada com seus ensinamentos sobre as maneiras virtuosas pelas quais os seres humanos estão destinados a cooperar. / Informado por uma compreensão medieval do mundo como um organismo geocêntrico com espécies fixas criadas e ordenadas hierarquicamente em relação uma à outra por Deus²², Tomás de Aquino refletiu sobre a cooperação entre as criaturas e sua cooperação com Deus. Ele considerou os vários tipos de *cooperadores* para estabelecer quatro tipos distintos, mas relacionados, de cooperação²³: (1) As criaturas cooperam, agindo ou sendo impulsionadas a agir de acordo com suas naturezas dadas por Deus para seu bem comum e individual, em conformidade com o mundo ordenado que Deus criou e sustenta em existência;²⁴ (2) as criaturas vivas cooperam com Deus, sua principal causa de existir, atuando como agentes secundários sobre outras criaturas para realizar o plano de Deus para o universo;²⁵ (3) Deus opera e coopera com os

²¹ Lembrar que em sua tese de 1996, Schaefer referiu-se à espécie humana como *homo Dei cooperator* (Schaefer, *Ethical implications*, p. 174).

²² Schaefer informa que quanto a esse ponto os textos mais pertinentes seria: STh I, q47, a2 e I, q76, a3 e SCG II, 68 e III, q71 (Schaefer, *Theological Foundations*, p. 281, n10). Relativamente a essas passagens diz a autora que Tomás de Aquino “raciocinou de sua perspectiva de fé que Deus criou e ordenou os diversos tipos de seres diversos essenciais e valiosos um para o outro, porque eles são ordenados em última análise para Deus, um arranjo que ele descreveu como uma dupla ordem de seres em *De veritatis*, 5.1, 3.” (Schaefer, *loc.cit.*). Aponta ainda Schaefer que se deve consultar: *De potentia Dei*, 3.7.9; STh I, q21, a1; SCG III, 112 e *Compendium theologiae*, 148.

²³ Informa Schaefer que com auxílio do “*Index Thomisticus* [www.corpusthomisticum.org] identificaram-se 286 entradas com o uso do termo *cooperator* [*coopera**]: 20 relativos à cooperação das criaturas, 106 da cooperação delas com Deus, 45 no qual se diz que os homens cooperam livremente com Deus ou com a graça de Deus e 115 sobre a operação da graça divina nos seres humanos e de sua cooperação nas ações.” (Schaefer, *Theological Foundations*, p. 281, n11).

²⁴ Indica aqui Schaefer a consulta de: “Aquinas, *Summa theologiae*, 1.61.3, 111.2, 1|2.9.1, 19.10; Aquinas, *De veritate*, 9.2, 27.5; Aquinas, *Compendium theologiae*, 124; and Aquinas, *Summa contra Gentiles*, 1.70, 3.21, 69–70.” (Schaefer, *Theological Foundations*, p. 281, n12).

²⁵ Quanto a isto, Schaefer adicionou a nota seguinte: “When God works through secondary causal agents, Aquinas taught (e.g., in *Summa theologiae* 1.105.5), the innate efficacy of their causal powers is left absolutely intact. God’s activity in them does not displace or obviate

seres humanos para o seu bem temporal e eterno;²⁶ e (4) os humanos cooperam com a graça de Deus, agindo virtuosamente sobre os outros seres de maneiras que alcançam o bem na vida temporal enquanto buscam o seu bem eterno, que é a felicidade com Deus.^{27,28}

Eis o que conclui Schaefer relativamente ao cooperador virtuoso quanto à filosofia ambiental tomista:

“Os ensinamentos de Tomás de Aquino sobre a cooperação e sobre as principais virtudes morais fornecem alguns componentes básicos para a instituição do cooperador virtuoso como um modelo necessário para o ser humano em nossa época ecologicamente ameaçada. Quando dotado de uma visão evolutiva do mundo e informado das descobertas científicas contemporâneas, o cooperador virtuoso atende aos cinco critérios propostos para modelar o ser humano de hoje. [1] O cooperador virtuoso está enraizado na tradição da fé cristã, como especialmente os católicos romanos e outros que respeitam a síntese de Tomás de Aquino de judaísmo-cristianismo e de filosofia grega. [2] O cooperador virtuoso apega-se fortemente aos conhecimentos científicos sobre o mundo físico e reconhece assim as interações cooperativas do componentes bióticos e abióticos que constituem os ecossistemas, a cadeia alimentar através da qual as espécies se alinham hierarquicamente e sustentam-se uns dos outros e o lugar humano no *continuum* biológico-cosmológico. [3] O cooperador virtuoso relaciona-se positivamente com as outras espécies e sistemas físicos e coloca os seres humanos como atores integrantes dentro dos ecossistemas, em vez de acima ou além deles, e destaca as capacidades humanas únicas de identificar, refletir e optar por implementar modos de agir de forma responsável em relação aos outros seres não humanos. [4] O cooperador virtuoso delinea o

their actions; it sustains and guides their actions lovingly toward their ultimate end. Aquinas perceived God’s employing secondary causes to govern other creatures as a way of communicating the dignity of causality to creatures as indicated, e.g., in *Summa theologiae*, 1.23.8, and explained by Etienne Gilson, *The Christian Philosophy of St. Thomas Aquinas*, trans. L. K. Shook (New York: Random House, 1956), 184. In *Summa contra Gentiles*, 3.21, Aquinas cites Pseudo-Dionysius and 1 Cor 3:9 to support his thinking that creatures operating on others according to the innate characteristics given to them by God are *Dei cooperatorem*.” (Schaefer, *Theological Foundations*, p. 281, n13).

²⁶ E.g., see Aquinas, *De veritate*, 27.5. Also see Aquinas, *Summa theologiae*, 1.105.4–5, for Aquinas’s understanding of God’s will acting on rational creatures. (Schaefer, *Theological Foundations*, p. 281, n14).

²⁷ Esta ideia do Aquinate está, segundo Schaefer (*Theological Foundations*, p. 281, n15) em *De veritate*, 24.11 e 27.5.

²⁸ Schaefer, *Theological Foundations*, p. 269 - 270.

tipo de comportamento humano que é útil hoje com vistas à ação prudente por meio de processo gradual de tomada de decisões informadas em que se faça uso de outros bens da Terra moderadamente para suas reais necessidades e para pensar em Deus, de maneira que se aja com justiça, considerando as necessidades de outros seres humanos, no presente e no futuro, e garantindo que suas necessidades sejam atendidas no contexto de alcançar o bem comum de todos os seres e permanecer firme com relação ao viver de forma virtuosa, apesar dos temores das pressões sociais e à luz dos temores da destruição ecológica que afetará os seres humanos agora ou no futuro. Finalmente, [5] o cooperador virtuoso estipula a motivação religiosa para agir com virtuosidade mais do que somente em relação aos seres humanos, mas uma motivação que não é menos do que amar Deus e o desejar passar a eternidade na presença de Deus.”²⁹

Thompson: O tomismo verde.

Em 2012, Christopher Thompson publicou o artigo “Sabedoria perene: Notas com vistas ao tomismo verde”³⁰.

Thompson não cita Schaefer (1994), nem Smith (1995), mas se refere a LeBlanc (1999), Jenkins (2003), Grant (2008), à oposição de Benzoni (2005) a Jenkins e à crítica de Brown (2007) a Benzoni. Não usa Thompson a palavra Ecotomismo e prefere em seu lugar a forma *Tomismo Verde*. Thompson procura alinhar seu argumento em favor de um tomismo ambientalista com o pensamento de João Paulo II e de Bento XVI.

Começa Thompson seu artigo por dizer que:

“Os argumentos aqui propostos sugerem que o principal recurso a partir do qual uma ‘base sólida’ para uma renovação [do mundo] pode ser construída reside na tradição intelectual de Santo Tomás de Aquino. Meus objetivos são de caráter positivo e são direcionados para encorajar um relacionamento entre tomistas e ambientalistas, entre o catolicismo e os movimentos verdes. Meu objetivo é plantar as sementes para um tomismo verde, se se quiser uma apropriação tomista de preocupações ambientais.”³¹

Prossegue Thompson:

“Assim, no coração de uma ética ambiental sólida, consonante com a tradição católica, existe uma metafísica e filosofia natural do ser que proporciona, entre outras coisas, uma visão robusta de uma ordem de criaturas inteligíveis, totalmente dependente de um Deus

²⁹ Schaefer, *Theological Foundations*, p. 278-9.

³⁰ Thompson, Christopher. Perennial Wisdom: Notes Toward a Green Thomism. *Nova et Vetera*, English Edition, Vol. 10, No. 1: 67–80. 2012.

³¹ Thompson, *Perennial Wisdom*, p. 67.

providente, cuja causalidade se estende ao operações de indivíduos - sua inteligibilidade formal, bem como a sua finalidade³².”³³

Para Thompson, “na medida em que o tomismo pode contribuir para a renovação de um eco-realismo, a extensão de sua contribuição será significativa, pois irá fornecer não apenas uma noção mais rica de pessoa como *sujeito* que administra [who stwards], mas também uma noção mais rica de coisas criadas como *objetos* a serem administrados.”³⁴

Diz Thompson ainda, elativamente à filosofia ambiental tomista, que

“enquanto os tomistas e os ambientalistas podem divergir quanto a natureza intelectual/espiritual da pessoa, podem, pelo menos, concordar que o ponto de partida para uma consideração de nossa posição no mundo é a afirmação da inteligibilidade das coisas criadas. Na verdade, para o tomista, a tarefa de desenvolver uma doutrina de gestão [doctrine of stewardship] orientada teologicamente deve se desenvolver como todos os inquéritos práticos, ou seja, *começando* com a compreensão especulativa de coisas inteligíveis. A gestão da natureza [the stewardship of nature] exigirá a recuperação de uma filosofia realista das criaturas.”³⁵

Prosegue Thompson e diz que “estes são os contornos de um tomismo renovado, um tomismo verde, e são esses recursos que subscreverão nossos esforços para evangelizar os que estão preocupados com o cuidado da terra.”³⁶ [p. 79]

Assim, diz Thompson, conclusivamente:

“Para que possamos nos envolver efetivamente em uma nova evangelização, várias reivindicações distintas mas relacionadas precisarão ser reafirmadas: primeiro, uma defesa robusta de uma filosofia realista das naturezas criadas como formalmente inteligível e ordenada teleologicamente; também, um relato da pessoa humana como uma criatura espiritual essencialmente situada dentro de um cosmo material - naturalmente ordenado, supernaturalmente completo; e, finalmente, uma visão de gestão [stewardship] que

³² Aqui Thompson aponta para STh I, q. 48, a. 5 e STh I, q. 47, a. 1.

³³ Thompson, *Perennial Wisdom*, p. 73.

³⁴ Thompson, *Perennial Wisdom*, p. 74 – os itálicos são de Thompson. No final do trecho transcrito, Thompson remete à nota 16, onde se lê: “ST I, q. 79 [a9, sol]. ‘Pois, por via da invenção chegamos ao conhecimento das coisas eternas, pelas temporais, conforme àquilo da Escritura (Romanos 1, 20): *Porque as coisas invisíveis de Deus, compreendendo-se pelas coisas feitas, tornaram-se visíveis*. Ao passo que, por via do juízo, julgamos das coisas temporais pelas eternas, já conhecidas, e dispomos as temporais pelas noções das eternas.’ Para Santo Tomás, a subjetividade e a objetividade não exaurem os parâmetros da discussão; em vez disso, Criador e criatura formam os pólos do cosmos tomista. Ele não pode, então, ser acusado de antropocentrismo ou geocentrismo, pois nem o ‘anthropos’, nem criação inferior, estão no centro de sua cosmologia.”

³⁵ Thompson, *Perennial Wisdom*, p. 75 – o itálico é de Thompson.

³⁶ Thompson, *Perennial Wisdom*, p. 79.

elucida os princípios para orientar a participação razoável da pessoa humana nesse cosmos organizado teleonomicamente. Estes são os contornos de um tomismo renovado, um tomismo verde, e são esses recursos que subscreverão nossos esforços para evangelizar os que estão preocupados com o cuidado da terra.”³⁷

Ciszek: O ecotomismo personalista.

Em 2014, publicou Mariusz Ciszek o artigo “Ética ambiental de perspectiva tomístico-personalista: Implicações para o conceito de desenvolvimento sustentável”.³⁸ Ciszek inclui nas palavras-chave do resumo do texto a expressão ‘(eco)Thomism’ e usa no texto, uma única vez, ‘eco-Thomism’, mas não cita Smith (1995).

Eis o resumo do artigo de Ciszek:

“Segundo o autor, a ética ambiental tomista é a ética do respeito pelo homem e pela natureza. Contrariamente à opinião popular, não possui um forte caráter antropocêntrico nem não ecológico, mas caráter teocêntrico, com uma dimensão pró-ecológica. O tomismo ensina que existe uma ordem hierárquica na realidade. Na ética tomista, Deus é o principal ponto de referência e o bem supremo (*summum bonum*). Assim, ele tem caráter primariamente teocêntrico e secundariamente caráter antropocêntrico, que está inscrito nas relações entre seres humanos e os outros seres. No entanto, esse antropocentrismo é moderado e não é hostil à natureza. Em termos teocêntricos, Deus é a causa e fonte de todos os seres naturais. Do ponto de vista ontológico, eles são bons e devem ser protegidos. No entanto, a partir desta suposição, isso não significa que todos os seres naturais tenham o mesmo valor axiológico. Na eco-ética tomista, um homem, entendido como pessoa humana, tem um valor autotélico [an autotelic value]. Por esse motivo, o tomismo tradicional é, atualmente, cada vez mais complementado pela argumentação personalista. Na análise antropológica, um homem aparece como um ser psicofísico. Ele é, portanto, único e o mais perfeito dos seres que ocorrem na natureza. Somente o homem pode ser descrito como um ser livre e racional, que transcende a natureza que o rodeia. É por isso que a dignidade de uma pessoa humana é considerada como a norma moral da eco-ética tomista. Ela também tem uma dimensão centrada na pessoa. O valor de uma pessoa humana também controla as relações entre uma pessoa e os outros seres que habitam

³⁷ Thompson, *Perennial Wisdom*, p. 80.

³⁸ Ciszek, Mariusz. Environmental ethics from a Thomistic-personalistic perspective (Implications for the Sustainable Development Concept). *Problemy Ekorozwoju/Problems of Sustainable Development*, 1: 97-106. 2014.

a Terra. No entanto, elas não podem se basear na idéia de dominação humana sobre a natureza. O dever de proteger a natureza está inscrito na lei natural. Esse entendimento da eco-ética tomístico-personalista pode ser conciliada com o conceito de desenvolvimento sustentável.”³⁹

Diz mais Ciszek:

“Os esforços para desenvolver o *ecotomismo* [eco-Thomism], no entanto, são muito frequentemente limitados, pois destacam apenas questões selecionadas ou se concentram exclusivamente na teologia que evoca a Revelação cristã. O autor deste artigo tentará apresentar uma visão geral do efoque de eco-ética tomística, complementada com descobertas personalistas. O objetivo do artigo é descrever os fundamentos e os principais pressupostos da ética ambiental neotomista.”⁴⁰

Explica Ciszek no tocante ao personalismo que

“A ética personalista afirma que todo homem é uma pessoa (do latim *persona*) com uma propriedade única - dignidade. Assim, a dignidade de uma pessoa é, nessa visão ética, como um valor autotélico (superior). Toda pessoa existente tem direito a ela e é portanto é inviolável. Por esta razão, devemos incorporar a dignidade humana na vida cotidiana, reconhecê-la e mantê-la nas outras pessoas. Esse ato de afirmação da dignidade pessoal é identificado no personalismo com o amor, que deve ser o objetivo direto de nossas ações. Karol Wojtyła articulou esta suposição mais plenamente na norma do personalismo, que afirma: *Uma pessoa é um bem em relação à qual a referência adequada e plena é o amor* (Wojtyła 2001, p 43)⁴¹.”⁴²

Assim sendo, conclui Ciszek:

“A norma personalista na ética da proteção ambiental significa que há um dever justificado de reconhecer o valor do ambiente natural do homem. Chegamos a esta conclusão por meios puramente racionais. Afinal, as ações que contribuem para a destruição da natureza levam a prejudicar os seres humanos. A vontade humana

³⁹ Ciszek, *Thomistic-personalistic perspective*, p. 97. São as seguinte as “Key words: environmental ethics, sustainable development, environmental protection, (eco)Thomism, (eco)per-sonalism.”

⁴⁰ Ciszek, *Thomistic-personalistic perspective*, p. 98.

⁴¹ A obra a que Ciszek se refere é: WOJTYŁA, K[arol]. *Miłość i odpowiedzialność* [Amor e responsabilidade]. Lublin: TNKUL. 2001, p. 43. *A person is such a being, that a proper and fully valued reference to him constitutes love.* / “Osoba jest takim bytem, że właściwe i pełnowartościowe odniesienie do niej stanowi miłość.”

⁴² Ciszek, *Thomistic-personalistic perspective*, p. 102.

deve, portanto, procurar ações pró-ecológicas (intelectualismo da ética tomista).”⁴³

Green: A ética tomistas e a responsabilidade com o ambiente e com os animais.

Em 2016, William M. Green defendeu a dissertação de mestrado “Rumo a uma ética ambiental tomista: como a metaética de Tomás de Aquino fornece a base para um sistema moral ambiental e zoológicamente responsável”⁴⁴.

Eis a tradução, na íntegra, do resumo da dissertação de Green:

“Embora a tendência das discussões contemporâneas sobre a ética ambiental seja muitas vezes a de dispensar as concepções antropocêntricas tradicionais de moralidade em favor de perspectivas mais biológicas e ecológicas, argumentarei que a Teoria do Direito Natural e a Ética da Virtude, ambas componentes integrantes da filosofia moral de Tomás de Aquino, fornecem a base para uma ética ecológica e zoológicamente responsável. Assim, utilizando o núcleo do sistema ético de Aquino, tentarei construir um quadro moral robusto que seja tomista em todos os sentidos importantes e, ao mesmo tempo, satisfaça as condições de suficiência para um código de conduta ambiental bem sucedido.”⁴⁵

Green lista as conclusões a que chegou em seu estudo:

- “1. De acordo com Tomás, existe uma pluralidade graduada de seres em que cada espécie é semelhante em modo de existência à espécies acima e abaixo dela.
2. Todos os seres têm algum grau de valor intrínseco em virtude da concepção de Tomás e de que o ser e o bem são conversíveis; o grau em que uma coisa é avaliada corresponde ao grau em que sua natureza é aperfeiçoada.
3. A metafísica de Tomás exige que todos os seres tenham seus próprios fins e bens naturais.
4. Portanto, uma ética tomista exige que devamos usar apenas os animais e o meio ambiente de acordo com seus próprios fins, tomando cuidado para não frustrar indevidamente nenhum bem; o princípio da *sindérese* [*synderesis principle*] exige que os bens sejam procurados e que os males sejam evitados.

⁴³ Ciszek, *Thomistic-personalistic perspective*, p. 103.

⁴⁴ Green, William M. *Toward a Thomistic Environmental Ethic: How Aquinas's Metaethic Provides the Groundwork for an Environmentally and Zoologically Responsible Moral System*. MA Dissertation, Liberty University. [EEUU: Lynchburg, Virginia] - <http://digitalcommons.liberty.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1475&context=masters>.

⁴⁵ Green, *Toward a Thomistic Environmental Ethic*, p. 2.

5. As virtudes ambientais são obtidas através do cultivo de hábitos que conseguem bens relevantes e frustram males.
6. O bom entendimento e aplicação desta ética resulta em um sistema ambiental e zologicamente responsável.”⁴⁶

Arremata Green:

“A metafísica aristotélica, a ética orientada pelas virtudes e o compromisso com o teísmo cristão contribuem para uma ética ambiental robusta e convincente, que satisfaz todas as condições de suficiência estabelecidas no capítulo um [da tese]⁴⁷. Embora o próprio Tomás não tenha percebido isso, ele nos fornece um meio de ver o mundo não humano com raios de luz divina, estimulando-nos a valorizar o mundo não humano como a criação de Deus e nosso lar comum. Como está escrito no Livro da Sabedoria [13, 5], ‘é a partir da grandeza e da beleza das coisas criadas que, por analogia, se conhece o seu autor’.”⁴⁸

Considerações finais.

1. Parece indiscutível que se pode erigir consistentemente uma filosofia ambiental, que conviria designar genericamente de ecotomismo, tomando por fundamento a teologia da criação e a teoria das virtudes cardinais de Tomás de Aquino. Provariam isso as extensas investigações levada a cabo principalmente por Jame Schaefer, Pamela Smith e Robert Grant. Tais trabalhos foram desenvolvidos independentemente, o que aumenta o valor probatório aqui alegado relativo à consistência do ecotomismo, que, ademais, é ainda aumentado por estudos menos volumosos, porém não menos eficientes, como, por exemplo, o de autoria de Jill LeBlanc⁴⁹. O fato de tantos

⁴⁶ Green, *Toward a Thomistic Environmental Ethic*, p.62 - 63.

⁴⁷ Em Green, *Toward a Thomistic Environmental Ethic*, p.7 - 8, lê-se: “De acordo com Sandler [Ronald L. Sandler, *Character and Environment*, (Nova Iorque: Columbia University Press, 2007), 108.], qualquer ética ambiental suficiente deve satisfazer os seguintes critérios: ‘(1) Uma ética ambiental satisfatória deve fornecer uma base para críticas confiáveis, sustentadas e justificadas sobre práticas, políticas e estilos de vida ambientalmente insustentáveis. (...) (2) Deve indicar ações e orientações políticas em situações concretas que envolvam interações individuais ou comunitárias ou relacionamentos com o ambiente natural. (...) (3) Ele deve fornecer argumentos, razões ou justificativas que sejam eficazes em mover pessoas para adotar as políticas ou executar as ações recomendadas. (...)’ ”.

⁴⁸ Green, *Toward a Thomistic Environmental Ethic*, p. 63.

⁴⁹ A ideia de teste de ideias filosóficas pode ser colocada nos seguintes termos. 1) Os critérios de composição de uma filosofia ambiental foram estabelecidos na década de 1960. 2) Filosofia antigas podem conter ideias ambientais esparsas que se reunidas segundo os critérios de composição mencionados no item anterior darão origem a uma filosofia ambiental *stricto sensu*. O tomismo contém ideias ambientais que agregadas segundo os ditos critérios resultam no ecotomismo. Destarte, alguém de posse apenas de uma ampla e competente exposição do tomismo, como, por exemplo, a de Joseph Legrand, S. J. (*L’Univers et l’Homme dans la Philosophie de Saint Thomas* – Vol. I, *L’Univers*; Vol. II, *L’Homme dans l’Univers*. Paris. 1946), e guiado pelos critérios de organização de filosofias ambientalista

pensadores terem partido de pontos diferentes e tomado a mesma orientação certamente decorre de terem eles percebido que as filosofias ambientais que surgiam e ganhavam notoriedade baseavam-se em princípios antagônicos ao tomismo e ainda desqualificavam essa tradicional linha filosófica não somente rotulando-a de incapaz de constituir uma filosofia ambiental própria mas até mesmo culpando-a de contribuir na sustentação teórica da destruição ambiental. Certamente as teorias ecotomista que emergem a partir de 1994-5 são o resultado de reação a essas críticas totalmente improcedentes.

2. A filosofia ambiental tomista (ecotomismo) é essencialmente antropocêntrica, segundo as convenções usadas nessa área filosófica, o que a coloca no extremo oposto das muitas outras filosofias ambientais contemporâneas, que são de conformação biocêntrica ou ecocêntrica. Tal dessemelhança condiciona a natureza das interações entre o ecotomismo e as outras linhas de pensamento ambientalista, pois o princípio antropocêntrico é habitualmente considerado muito fraco para a fundamentação de uma teoria ambientalista ou até mesmo como totalmente inapropriado para tal propósito. É, contudo, evidente exageração, explicável apenas por motivações ideológicas, negar que o ecotomismo atende aos quesitos exigidos de uma filosofia ambiental consistente. Considerando isso, parece certo afirmar, que em vista de o ecotomismo situar-se no extremo oposto do espectro das filosofias ambientais, relativamente às demais linhas de pensamento ambientalista, uma das principais funções que lhe cabe é a de oferecer críticas confiáveis, consistentes e justificadas dirigidas às teorias, práticas, políticas e estilos de vida moldados nas variadas linhas de pensamento que disputam a hegemonia do pensamento ambientalista contemporâneo. A tal tarefa já vem se dedicando, como visto, de modo especial, o ecotomista francês Pascal Bernardin, que escreveu um muito original estudo de ecologia política.

3. Parece evidente haver grau elevado de desarticulação entre os estudos ecotomistas, fato que se percebe nos textos na falta de referências aos estudos anteriormente publicados. Se isso tem consequências positivas, como realçadas acima, no item 1 destas considerações, já é tempo de estabelecer articulação entre os estudos de modo a dar ao ecotomismo a estrutura de um sistema filosófico e assim melhor adequar a riqueza do pensamento de Tomás de Aquino ao exame dos complexos e importantes temas da filosofia ambiental.

expostos por Pamela Smith (*Ecotomism*, p. 54 – 55), acrescidos dos apontados por William Green (*Toward a Thomistic Environmental Ethic*, p. 7 – 8), haveria de configurar a estrutura básica completa do ecotomismo.